

Avaliação das contribuições do uso de metodologias não tradicionais, como forma de potencialização da aprendizagem de conteúdos de Ciências, na década de 2010.

Cibele Maria Ferreira da Silva¹

Ana Paula Freitas da Silva²

RESUMO

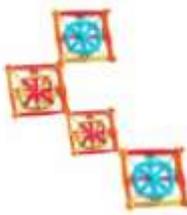
O Ensino de Ciências nas escolas muitas vezes é feito de forma tradicional, tendo o professor como fonte principal do conhecimento. Entendendo a necessidade de novas estratégias de ensino, vem sendo utilizado progressivamente metodologias que visam colocar o estudante como protagonista do seu processo de aprendizagem, sendo por isso denominada de metodologia ativa. A partir deste cenário, o presente trabalho teve por objetivo fazer um levantamento bibliográfico sobre o uso das principais metodologias utilizadas para o ensino de ciências, na década de 2010. Foi feito uma pesquisa na base de dados *Scielo e Google Acadêmico*, sendo selecionados 359 artigos, que demonstraram a eficácia e contribuições de diversas metodologias para o ensino de Ciências. Vale ressaltar que não há uma regra para o uso destas metodologias, porém é necessário que o docente esteja disposto a utilizar estratégias que completem sua prática docente e favoreçam o processo de aprendizagem dos estudantes.

Palavras-chave: *Metodologias ativas, Estratégias de Ensino, Ensino de Ciências.*

INTRODUÇÃO

¹ Graduanda do Curso de Química Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Campus do Agreste, cibele.ferreira@ufpe.br ;

² Professora Orientadora : Doutora, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Campus do Agreste, ana.pfsilva5@ufpe.br ;



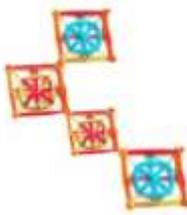
O sistema de ensino do Brasil vem enfrentado constantes questionamentos sobre os resultados insuficientes em processos avaliativos externos, que muitas vezes estão relacionados diretamente ao processo de ensino e aprendizagem, o que faz com que a escola deixe de ser reconhecida como um local de formação, tornando-se apenas paredes cujo o objetivo principal é cumprir o currículo escolar (FOUREZ, 2003). Este cenário revela a necessidade de atualização das estratégias de ensino, atualização docente e modificação de currículos, nas mais diversas áreas do conhecimento, como forma de recuperar a eficácia de nosso sistema escolar.

Dentre as áreas de conhecimento que precisam ser reformuladas está o ensino de Ciências, que tem por objetivo estimular o raciocínio lógico e a curiosidade, ajudar na formação de cidadãos aptos a enfrentarem os desafios da sociedade contemporânea, fortalecendo a democracia e favorecendo a formação de uma sociedade capaz de resolver as inquietações que afetam nosso cotidiano (Academia Brasileira de Ciências, 2008).

Krasilchik (1992) na década de 1960, percebeu que o ensino de Ciências estava baseado nos aspectos lógicos da aprendizagem, onde a qualidade dos cursos era definida pela quantidade de conteúdos transmitidos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ciências Naturais de 1997, passaram a determinar que o ensino de ciência deve inserir e explorar as informações relacionadas aos fenômenos naturais, a saúde, a tecnologia, a sociedade e ao meio ambiente, favorecendo a construção e ampliação de novos conhecimentos (BRASIL, 1997).

A busca por estratégias eficientes de ensino de Ciências, levou ao uso da contextualização, uma abordagem que permite ensinar conceitos, relacionando-os à vivência dos estudantes, permitindo que estes percebam o seu papel enquanto cidadão. A contextualização pode acontecer através de rodas de conversa, exposição de vídeos e experimentos, sempre com o objetivo de relacionar o cotidiano dos estudantes com os temas que eles estão vivenciando em sala. Por este motivo, é tida como um ótimo recurso pedagógico, pois através dessa abordagem os estudantes conseguem assimilar de forma mais fácil o conteúdo tornando a aprendizagem ativa (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2020).

Juntamente com a contextualização tem-se as metodologias ativas que têm como objetivo principal, desenvolver a autonomia, criatividade e senso crítico do aluno,

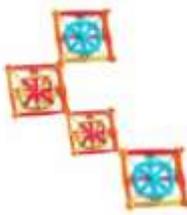


tornando-o protagonista de sua própria aprendizagem. Teóricos como Dewey (1950), Freire (2009), Rogers (1973), Novack (1999) enfatizam, há muito tempo, a importância de superar a educação bancária, tradicional e focar na aprendizagem do aluno, envolvendo-o, motivando-o e dialogando com ele. O sucesso deste tipo de aprendizagem está na criação de desafios e atividades, que desenvolvam as competências necessárias para cada etapa, que ofereçam recompensas estimulantes e combinem percursos pessoais com participação significativa em grupos.

Dentre as muitas estratégias de ensino, destaca-se o uso de atividades lúdicas, reconhecidas por contribuir para a construção do conhecimento, além de promover interação social e o desenvolvimento de habilidades intelectivas. Nesta classificação destacam-se os *jogos didáticos* que através do uso de jogos previamente definidos e com regras pré-estabelecidas auxiliam o professor a trabalhar diversos tipos de conteúdo (SEVERINO, 2002); o *teatro* que apresenta-se como uma boa estratégia de ensino através do lúdico, pois propicia ao discente uma imersão no mundo imaginário. Este fato é muito relevante, pois assim como os jogos didáticos, a interpretação teatral favorece a criatividade e a aprendizagem colaborativa, através da cooperação e discussão para elaboração de personagens e contexto (OLIVEIRA; ZANETIC, 2004).

Outra metodologia bastante utilizada é a *experimentação*, presente em disciplinas de conteúdo prático, que pode proporcionar o processo de significação e ressignificação de conteúdo, através da observação e manipulação de um sistema (GALIAZZI; GONÇALVES, 2010). Os *seminários* que tem por objetivo levar os participantes a uma reflexão aprofundada de determinado problema, a partir de textos e em equipe”, pode favorecer maior engajamento e integração entre alunos e professor, além de proporcionar uma busca por conteúdos diversos relacionados ao tema abordado, dando assim novos significados ao que está sendo estudado (Severino, 2002, p.63).

Dentre as atividades argumentativas destacam-se o *júri simulado* que possibilita o aprofundamento do conteúdo através de pesquisas, estabelecendo relações entre os assuntos e contextos, através da construção de argumentos a favor ou contra a problemática apresentada e o *debate argumentativo*, que contribuiu efetivamente para o ensino de Ciências, pois torna a aula mais dinâmica, quando permite que o estudante crie seus argumentos, contra-argumentos e respostas baseados nas leituras e discussões



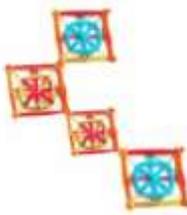
realizadas em grupo, além de favorecer a interação entre os membros das equipes e a aprendizagem colaborativa (TOULMIM, 2001).

Dentre as metodologias ativas, destaca-se a *sala de aula invertida* que propõe o professor como tutor, onde através da disponibilização prévia de conteúdos o professor pode estimular a autonomia e raciocínio do estudante e o *estudo de caso*, que permite ao docente explorar situações da vida real, explicando as variáveis causais de determinado fenômeno a partir de situações complexas, tendo como base pesquisas e/ou experimentos (QUEIROZ, 2015; BERGANN; OVERMYER; WILIE, 2013).

O *mapa conceitual*, embora não seja uma estratégia de ensino, mas sim uma ferramenta de avaliativa, permite observar como o estudante estrutura, organiza, integra e relaciona conceitos, obtendo evidências de sua aprendizagem, o que permite ajustar o ensino, de forma a potencializar a aprendizagem (ONTORIA, 2005).

Neste contexto, é importante ressaltar que todas as estratégias de ensino utilizadas em sala de aula devem ter como objetivo a melhoria da aprendizagem, de forma que o estudante possa atuar de forma ativa na construção de seu conhecimento; bem como, na resolução das inquietações que lhe são postas pela sociedade. Estas metodologias quando aplicadas de forma planejada podem auxiliar na diminuição do distanciamento professor-estudante, que muitas vezes é resultado do caráter formal da sala de aula tradicional (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2020).

No entanto, deve-se ressaltar que não existe a melhor metodologia de ensino, mas sim aquela que melhor se adequa a formação do professor e as características da turma. Por isso, é importante que o docente experimente sempre novas metodologias e abordagens de ensino, com o objetivo de tornar sua aula mais interessante, de forma que o estudante possa se identificar e engajar nas atividades que estão sendo propostas. Vale ressaltar que a metodologia tradicional não deve ser abandonada, pois ela também contribui para a aprendizagem. Deve-se sim, alterná-la com essas novas metodologias, para que deste modo, esse “novo aluno”, consiga construir seu conhecimento através das metodologias que agora lhe são apresentadas pelo professor. Baseado no contexto apresentado, o presente trabalho tem por objetivo apresentar e discutir as contribuições das principais metodologias não tradicionais que vêm sendo utilizadas para o ensino de Ciências na década de 2010.



METODOLOGIA

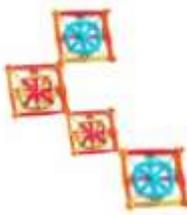
Este trabalho é uma pesquisa do tipo qualitativa documental, que visou analisar as estratégias e metodologias utilizadas no ensino de ciências no período de 2010 a 2019. Foram utilizadas como base de dados para a coleta das informações o *Google* acadêmico e *Scielo*, tendo como palavras chaves: Ensino de Ciências, Estratégias de Ensino e Metodologia de ensino. Foram utilizados como critérios de inclusão as estratégias/metodologias que utilizam diferentes meios e condições para aprendizagem dos alunos e como de exclusão: aquelas que tem o professor e o livro didático como centro da transmissão de saberes, ou seja, a metodologia tradicional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa foi realizada nas bases de dados do *Google Acadêmico* e *Scielo* com as palavras chave: ensino de Ciências, estratégias de ensino e metodologias de ensino. Foram selecionados 359 artigos, baseado nos critérios de inclusão e exclusão, previamente estabelecidos. O quantitativo de artigos selecionados está disposto no quadro 1, de forma anual. Os resultados demonstram que houve um aumento substancial no uso de novas metodologias por parte dos docentes, o que é um resultado bastante interessante, pois demonstra a preocupação dos docentes em utilizarem metodologias que auxiliem no processo de ensino aprendizagem.

É importante identificar que dentre as metodologias citadas em nossa pesquisa, todas têm por objetivo tornar o discente protagonista do seu processo de construção do conhecimento, por isso podemos chamá-las de não tradicionais, pois surgem em contrapartida a educação tradicional e bancária, descrita por Paulo Freire (2009). Este resultado demonstra uma mudança na percepção de muitos professores sobre o conceito de aula, quando passam a utilizar formas ativas de ensinar.

Os resultados obtidos neste levantamento, demonstram que ao longo da última década houve uma inserção significativa de novas práticas de ensino, que permitiram extrapolar os limites da sala de aula. As aulas conhecidas como tradicionais, onde havia



apenas transmissão de conteúdos por parte do docente, passaram a ser substituídas por espaços de discussão, onde o aluno pode expressar e discutir suas dúvidas e inquietações, onde o aprender tornou-se mais colaborativo.

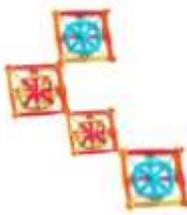
Quadro 1: Distribuição anual das metodologias utilizadas no ensino de Ciências no período de 2010 a 2019.

	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	Total
Experimentação	2	4	5	5	5	6	7	8	8	9	59
Jogo didático	3	3	4	3	4	5	4	5	6	7	44
Debate argumentativo	1	3	2	3	4	3	3	4	3	4	30
Sala de aula invertida	2	2	3	4	3	4	5	5	5	7	39
Estudo de caso	2	3	3	4	3	3	4	5	6	5	38
Júri simulado	3	2	4	3	4	4	5	5	5	5	40
Mapa conceitual	2	3	3	2	3	3	4	4	5	4	33
Seminários	4	5	5	5	5	6	6	6	6	5	53
Interpretação teatral	2	2	1	2	2	3	3	2	3	3	23
Total	21	27	30	31	33	37	41	44	47	48	359

Fonte: Autor (2020)

Dentre as metodologias mais citadas na pesquisa está a *Experimentação*, com 59 artigos, aplicada ao ensino de Ciências. Este resultado pode estar associado ao fato da disciplina de Ciências ter um conteúdo experimental bastante significativo, o que favorece o uso da experimentação na sala de aula. Segundo Suart (2014) a experimentação é um “recurso pedagógico que contempla diversas habilidades, principalmente as cognitivas”, por este motivo deve ser planejada de forma que o estudante possa desenvolver sua cognição, compreendendo os conteúdos apresentados na prática, evitando assim a repetição de uma “receita de bolo”. Esta também permite a construção de conceitos científicos e habilidades argumentativas, que irão contribuir para a formação do indivíduo de forma que este seja mais crítico frente aos questionamentos que lhe são postos.

Estudos tem revelado que muitos estudantes não percebem a experimentação como uma estratégia de ensino, mas sim como uma aula diferente, que não tem relação com o conteúdo que está sendo trabalhado. Por este motivo, o docente precisa elaborar ou adaptar práticas que sejam de fácil execução e demonstrem de forma clara a relação do conteúdo que está sendo trabalhado com o cotidiano do aprendiz. Pode-se ainda



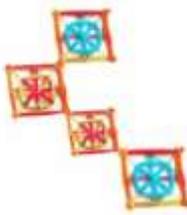
utilizar a experimentação investigativa que permite resolver problemas através do levantamento de hipóteses, formulação de estratégias, tomadas de atitudes, elaboração de experimentos e construção de conceitos abordados em aula.

Outra metodologia citada foram os *jogos didáticos*, 44 artigos selecionados. Esta metodologia quando utilizada em sala de aula deve ter um objetivo de aprendizagem claro, com conteúdo pré-determinado e com regras de jogabilidade que permitam ao jogador compreender, aprender e ressignificar os conteúdos que estão sendo apresentados e suas possíveis aplicações. O docente deve compreender o jogo como uma ferramenta complementar para o processo de aprendizagem, além de estimular a criatividade, interatividade e a aprendizagem colaborativa (CUNHA, 2012).

A *interpretação teatral*, 23 artigos selecionados, também tem sido descrita como uma boa estratégia de ensino, pois permite ao discente mergulhar num mundo imaginário, onde os personagens e o contexto foram elaborados pelos mesmos. Este fato é muito relevante, pois assim como os jogos didáticos, a interpretação teatral favorece a criatividade e a aprendizagem colaborativa, através da cooperação e discussão para elaboração de personagens e contexto, além de permitir o trabalho interdisciplinar (OLIVEIRA; ZANETIC, 2004).

Outra estratégia citada foi o *júri simulado*, 40 artigos selecionados, no qual os estudantes são separados em grupos denominados defensoria, promotoria e juízes. Os grupos recebem um caso criminal, para que sejam construídos os argumentos necessários para a defesa das teses de cada equipe, onde o professor pode atuar como juiz ou mediador. Esta atividade possibilita o aprofundamento de conteúdos, uma vez que os estudantes devem pesquisar e estabelecer relações entre os assuntos e contextos para apresentar argumentos, contra-argumentos e respostas que devem ser construídos ao longo do júri. Essa metodologia favorece a criatividade, coerência, interpretação teatral e a integração entre os estudantes (FREIRE, 2011).

As atividades de *sala de aula invertida*, 39 artigos selecionados, propõem o professor como tutor, que disponibiliza conteúdos, para que o estudante possa ser protagonista da construção de seu conhecimento. Também possibilita que estudantes com pouca disponibilidade de tempo, auxilia no enfrentamento das dificuldades individuais, cria condições para que o estudante possa acessar o conteúdo todas as vezes que julgar



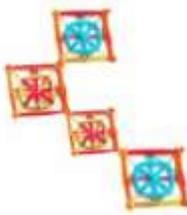
necessário, intensifica a interação aluno-professor e aluno-aluno, além de promover mudanças no gerenciamento da sala de aula (JONATHAN; AARON, 2016).

O *estudo de caso*, 38 artigos selecionados, vem sendo utilizado com frequência nas escolas, pois permite a exploração de situações da vida real. Seu objetivo é explicar as variáveis causais de determinado fenômeno, a partir de situações complexas através de pesquisas e/ou experimentos. Este permite aos estudantes a oportunidade de direcionar sua própria aprendizagem, enquanto exploram seus conhecimentos em situações relativamente complexas, preparando-os para a resolução de problemas reais (QUEIROZ, 2015).

A metodologia do *debate argumentativo*, 30 artigos selecionados, torna a aula mais dinâmica, pois permite que o estudante participe intensamente das discussões propostas, quando cria seus argumentos, baseados nas leituras e discussões realizadas em grupo. Essa metodologia oferece aos estudantes a oportunidade de exporem sua opinião a respeito de fenômenos e conceitos científicos, além de promover uma maior integração aluno-professor e aluno-aluno, o que torna a sala de aula mais motivante e propícia para a aprendizagem (TOULMIM, 2011).

Os *mapas conceituais*, 33 artigos selecionados, são considerados uma técnica não tradicional e qualitativa, que busca observar como o estudante estrutura, organiza, integra e relaciona conceitos, o que permite ao professor observar a construção da aprendizagem pelo aluno. Deve ser utilizado preferencialmente quando os estudantes já possuem familiaridade com o conteúdo que será trabalhado em sala, por isso são bons instrumentos para representar a estrutura cognitiva do estudante, averiguando além dos subsunsores existentes, as mudanças que ocorrem na estrutura cognitiva durante a instrução para a construção dos mapas conceituais (ONTORIA, 2005).

A última estratégia a ser discutida são os seminários, 53 artigos selecionados. Esta pode proporcionar o desenvolvimento da capacidade de pesquisa, sistematização dos fatos, raciocínio e reflexão em torno de um tema/assunto, além de auxiliar na elaboração de trabalhos científicos. Os seminários permitem o desenvolvimento da habilidade de falar em público, capacidade de análise e síntese e treinamento para eventuais provas orais.



As metodologias aqui analisadas em sua maioria não são estratégias novas, no entanto vem sendo amplamente utilizadas para auxiliar a aprendizagem de conteúdos, de forma que o processo de ensinar esteja relacionado com a realidade dos estudantes. Sabe-se que, para o indivíduo aprender ele precisa estar motivado e interessado, por isso a prática docente precisa “fazer sentido” para o estudante, para que somente assim ele consiga relacionar o conteúdo trabalhado com seu cotidiano, desenvolvendo um senso crítico, que lhe permita dá novos significados e aplicações ao que está sendo ensinado (BERGAMANN, 2013).

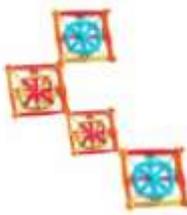
Entretanto é importante ressaltar que a escolha pela melhor estratégia nem sempre acontece de modo fácil, pois é necessário que o professor conheça a sua turma, para que possa selecionar a metodologia mais adequada, como também aquela na qual ele se sinta apto a executá-la. Utilizar uma prática por modismo ou por imposição da escola, não é a melhor forma de potencializar a aprendizagem e nem a prática do professor.

Para que essas metodologias possam de fato contribuir para a aprendizagem é necessário que o docente esteja capacitado para tal, o que nem sempre acontece em nossas escolas. A busca por formação continuada; bem como, uma formação inicial que contemple esses tipos de metodologias são o sucesso para uma boa práxis docente. Além disso, o docente deve sempre levar em consideração o perfil de cada turma e dos estudantes para que possa aplicar a metodologia mais adequada de forma a complementar sua aula.

É importante ressaltar que todas as metodologias discutidas aqui tem como objetivo fazer do estudante o protagonista de sua jornada de aprendizagem, pois incentiva o aprendiz a desenvolver sua autonomia, buscando compreender e dando novos significados ao que está sendo apresentado.

Os estudantes que vivenciam essas metodologias adquirem mais confiança em suas decisões e na aplicação do conhecimento em situações práticas, desenvolvem habilidades para trabalhar em equipe, aprendem a se expressar melhor oralmente e por escrito, desenvolvem senso crítico para resolver problemas, e quando vivenciam situações que requerem tomada de decisões o fazem de forma consciente, além de reforçar a autonomia no pensar e no atuar (CARVALHO; GIL-PÉREZ, 2011).

O uso destas metodologias, favorecem a aprendizagem ativa dos estudantes, pois além de compreenderem, também conseguem reter muito mais o conteúdo,



transformando-o em conhecimento. O aprendiz supera a ideia de aulas expositivas e com pouca interação, e passa agora a perceber que a aula envolve resolução de problemas práticos relacionados à realidade, pensamento lógico, entre outros.

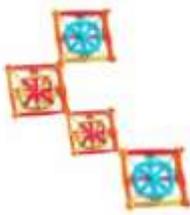
Para que tudo isso aconteça as aulas precisam ser motivadoras e dinâmicas de forma que o aluno se sinta parte do processo. A sala de aula precisa ser um local de descobertas e discussões que favoreçam a transformação dos conteúdos em conhecimento. A autonomia do estudante precisa ser estimulada e o professor precisa mediar suas aulas, utilizando metodologias que promovam a aprendizagem ativa de seu aprendiz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa demonstrou que é possível trabalhar nas escolas metodologias não tradicionais que tenham o estudante como protagonista da aprendizagem, fazendo com que este perceba que pode ser agente de transformação da sociedade. Também foi possível perceber que gradualmente os docentes ao longo da década de 2010 foram inserindo em sua prática docente metodologias complementares ao ensino tradicional, o que pode a médio e longo prazo, promover mudanças significativas em nossas avaliações internas e externas, que serão decorrentes da melhora do processo de ensino aprendizagem.

Ensinar Ciências, utilizando metodologias que favoreçam a autonomia do estudante, permite que este crie novos significados para o que está sendo ensinado, desenvolvendo senso crítico, reflexão, criatividade e lógica que podem ser utilizados para a resolução de problemas de sua realidade.

Também pôde-se perceber que o docente continua tendo papel importante para esse processo de mudança da sala de aula, pois sem ele torna-se impossível qualquer tipo de alteração do processo de ensino aprendizagem. Para que isso aconteça, o docente precisa estar capacitado e disponível para desenvolver essas metodologias, bem como deve conhecer seus alunos para identificar a melhor estratégia de ensino a ser utilizada.



REFERÊNCIAS

BERGMANN, J; OVERMYER, J; WILIE, B. A Classe flipped: **O Que é e O Que Não**, O Riff Diário, 9 de julho de 2013. Disponível em : <<http://www.thedailyriff.com/articles/howthefipped-class-conversation.689php>>. acesso em 19 de Março de 2020.

BERGMANN, J, SAMS, A. **Sala de Aula Invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem**, 1.ed., Rio de Janeiro, LTC, 2016.

BRASIL, Ministério da Educação **Secretaria de Mídia e Tecnologia Parâmetros Curriculares Nacionais**: ensino básico.,364, 1999. Disponível em: <http://www.mec.gov.br> Acesso em 16 de Janeiro de 2020.

BRASIL, Lei nº 9.394 de 1996 dispõe sobre as Diretrizes e Bases, Brasília. Disponível em: <http://www.mec.gov.br> Acesso em 20 de Janeiro de 2020.

CARVALHO, A. M. P; GIL-PÉREZ, D. **Formação de Professor de Ciências: Tendências e Inovações**, v. 28, ed. 10, São Paulo: Cortez, 2011.

CUNHA, M. B. jogo no ensino de química: **Consideração Teórica para Utilização em Sala em Aula**. Química Nova na Escola, 34 (2). 92-98, 2012.

DEWEY, J. Vida e Educação. São Paulo: Nacional. 1959a.

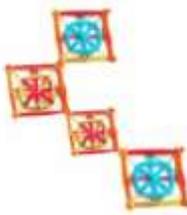
FOUREZ, G. Crise no ensino de Ciências? **Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 109-123, 2003.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: **Saberes Necessários a Prática Educativa**. 43. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GALIAZZI, M.C e GONÇALVEZ, F.P.A **Natureza Pedagogia da Experimentação uma Pesquisa na Licenciatura em Química**. Química nova v.27, n.2, p 326-331, 2010.

KRASILCHIK, M. Caminhos do ensino de Ciências no Brasil. **Em Aberto**, Brasília, v. 11, n. 55, p. 3-8, 1992.

ONTORIA, A. **Mapas conceituais: Um Técnica para Aprender**. São Paulo: Loyola, 2005.



OLIVEIRA, N. R.; ZANITIC, J. A **Presença do Teatro no Ensino de Química** in. Ata IX encontro de pesquisa em ensino de física 2004 de 26-30 Jaboticatubas. Disponível em <http://www.spf1.sbfisica.org.br/evento/epecf/Ix/atas>. Acesso em 19 de Março de 2020.

QUEIROZ, S.L. **Estudo de Caso Aplicado ao Ensino de Ciências**, 2015. Disponível em http://www.cpscetec.com.br/cpscetec/arquivos/natureza_estudo_casos.pdf.

acesso em 19 de março de 2020.

SANTANA, E. M.; SILVA, E. L.; MARCONDES, M. E. R.; REZENDE, D. B.; SUART, R. de C.; MARTORANO, S. A. A. **Tópicos em Ensino de Química**. São Carlos: Pedro & João, 2014.

TOULMIM, S. E. **O Uso de Debate Argumentativo**. Tradução Reinaldo. São Paulo: Martins Fontes, p. 375, v .17. São Paulo 2011.